

NOTAS E COMENTÁRIOS

24º CONGRESSO ALEMÃO DE ROMANÍSTICA

Dr. Eberhard Gärtner
Leipzig - Alemanha

Nos dias 25 a 28 de setembro de 1995, realizou-se na antiga cidade universitária de Münster, na Vestfália, o 24º Congresso Alemão de Romanistas, organizado, de dois em dois anos, pela Associação Alemão de Romanistas (DRV), que compreende romanistas de todos os países de língua alemã (Alemanha, Áustria e Suíça). Em dezoto seções foram debatidos, durante três dias e com base em mais de duzentos contribuições, problemas atuais da Filologia Românica, na sua mais ampla acepção.

Sendo impossível descrever, por mais sumariamente que fosse, toda a gama dos temas tratados, limitamo-nos a dar aqui o rol das 18 seções com os seus respectivos títulos e subtítulos.

Seção 1: “Problemas de câmbio lingüístico e Lingüística Histórica”, subdividida em duas subseções: 1a: “A mão invisível e a seleção do falante: tipologia e processos do câmbio lingüístico na România”, organizada por Thomas Stehl (Bremen) e 1b: “Gramaticalização:”, organizada por Petra Thiele (Berlim) e Susanne Michaelis (Bamberg).

Seção 2: “Diatese, transitividade, estrutura informacional nas línguas românicas, organizada por Hans Geisler (Munique) e Daniel Jacob (Friburgo).

Seção 3: “Bases de uma gramática do texto das línguas românicas”, organizada por Chistian Schmitt (Bona) e Alberto Gil (Bona).

Seção 4: “Gramática das línguas românicas e Gramática Universal”, organizada por Georg A. Kaiser (Hamburgo) e Jürgen Meisel (Hamburgo).

Seção 5: Esta seção, a ser organizada por Franz-Joseph Meibener (Berlim) e Manfred Prinz (Colônia) e que iria dedicar-se à “Poliglossia e gramaticografia inter-

românica”, não chegou a realizar-se no âmbito do Congresso de Münster, por motivos alheios. Dada a importância do tema para a didática de línguas estrangeiras, foi anunciada a realização de um colóquio sobre o tema, num momento posterior, na Universidade Justus-Liebig de Gießen.

Seção 6: “Fraseologia das línguas românicas”, organizada por Elisabeth Gülich (Bielefeld) e Annete Sabban (Hildesheim).

Seção 7: “A herança lingüística do Colonialismo em África e na América Latina: balanço e perspectivas dum ponto de vista romanístico”, organizada por Peter Cichon (Viena).

Seção 8: “Minorias na România”, organizada por Dieter Kattenbusch (Gießen).

Seção 9: “Québec - les enjeux d’une francophonie lointaine”, organizada por Edwar Reichel (Dresden), Maria Lieber (Dresden) e Ingo Kolboon (Dresden).

Seção 10: “Anticolonialismo literário e ‘tiermondime’ nas suas relações com as literaturas francófonas da África e do Oceano Índico (1900-1945)”, organizada por János Riesz (Bayreuth).

Seção 11: “O olhar retribuído. A França e o Maghreb à luz de encontros e confrontos literários. Regards sur le Maghreb - Regards sur la France. Les écrivains de langue française à la recherche de *L’AUTRE*”, organizada por Elisabeth Arend (Göttingen) e Fritz Peter Kirsch (Viena).

Seção 12: “Estruturas de dominação e a sua superação..., organizada por Christoph Strosetzki (Münster).

Seção 13: “Formas de padronização e canonização literárias e culturais dentro do mundo lusófono - África, Brasil, Portugal”, organizada por Manfred Prinz (Colônia).

Seção 14: “A expansão da România a partir do século 15”, organizada por Ronald Daus (Berlim) e Christian Foltys (Berlim).

Seção 15: “Cine(Ro)Mania: Intertextualidade e Intermedialidade no cinema românico”, organizada por Jochen Mecke (Heidelberg) e Volker Roloff (Siegen).

Seção 16: “Bestiários entre a Idade Média e o Moderno”, organizada por Georg Maag (Stuttgart) e Gisela Febel (Stuttgart).

Seção 17: “O republicanismo judeu na França. Le républicanisme juif en France”, organizada por Christoph Miething (Münster).

Seção 18: “Aspectos do lirismo italiano do século 20”, organizada por Manfred Lentzen (Münster).

Como é natural, tratando-se de Congresso de Romanistas, muitas das contribuições baseavam-se em dados lingüísticos tirados de várias línguas românicas, ou, obe-

decendo à tradição romanística da Alemanha, tinham o francês como base de dados.

Não obstante, as línguas ibero-românicas, desempenharam também um papel considerável. O português foi tematizado nas seguintes contribuições, ordenadas por seções:

Seção 1: Tendências de gramaticalização no português substandard (Christoph Petruck, Manhehim); Sobre o papel dos mecanismo de gramaticalização na formação de locuções perifrásticas verbais de sentido repetitivo na Ibero-românia (Petra Thiele, Berlim).

Seção 3: Perguntas de controle e semelhantes no Português (Jürgen Schmidt-Radefeldt, Rostock).

Seção 4: Análise contrastiva dos clíticos nas línguas ibero-românicas (Sibylle Breilmenn-Massig, Colônia); Preferred argument structure” (PAS) e a descrição tipológica (no exemplo do espanhol e do português falados).

Seção 6: Sobre o emprego textual de fraseolexemas com base em diários e semanários portugueses (Christine Hundt, Leipzig).

Seção 7: “Eu vivo minha língua materna em outra cultura”. Anotações sobre a “brinciação” do escritor moçambicano Mía Couto (ILse Pollack, Viena).

Seção 8: Portaliano e Portunhol. Fenômenos de comunicação intercultural na Sul do Brasil (Joachim Born, Dresden).

Seção 12: Macunaíma e Serafim Ponte Grande: Decomposição literária da realidade como subversão do poder (Horst Nitschack, Essen); A imagem das relações entre os sexos na moderna literatura feminista do Brasil (Gigi Reisner, Salzburg).

Seção 13: Machado de Assis - clássico brasileiro ou universalista? (Erhard Engler, Berlim); Portugal e Angola ou a expulsão do paraíso terrestre: a guerra colonial em *Eu vim para ver a Terra* (1965) de Maria Ondina Braga (Helmut Feldmann, Colônia); Recolonização lingüística de Portugal pelas ex-colônias (nomeadamente o Brasil) (Sebastião Iken, Colônia): ‘Menino, sabes o que é a Pátria? - ou da confrontação dos jovens combatentes portugueses com o Ultramar em guerra, nas perspectivas de Antônio Lobo Antunes (Os cus de Judas) e Lídia Jorge (A Costa dos Murmúrios) (Maria do Céu Mascarenhas, Colônia/Lisboa); Língua brasileira? - A língua como fator de identidade nacional. Discussões, polêmicas e tomadas de posição nos séculos 19 e 20 (Marga Graf, Aachen); A imitação da ‘Imitação’ (Suzi Franki Sperber, Campinas); Políticas de identidade e de globalização: revendo o cânone estabelecido pela história das literaturas nacionais latino-americanas (Silviano Santiago, Rio de Janeiro); O Brasil - modelo cultural-literário para países africanos (Manfred F. Prinz(Düsseldorf/Colônia); A recepeção do Brasil na literatura alemã mais recente (Thomas Sträter, Colônia); Globalização, a soberania e dependência cultural nas relações entre o Centro e a Periferia (Lourenço Rosário, Maputo).

Seção 14: Fenômenos de substandard no português brasileiro e africano (Eberhard Gärtner, Leipzig).

As contribuições são tradicionalmente publicadas pelos organizadores das respectivas seções em publicações lingüísticas alemãs, não havendo portanto Actas do Congresso propriamente ditas.

O próximo Congresso Alemã de Romanistas realizar-se-á, em 1997, na cidade de Dresden, capital do Estado Federado da Saxônia, cuja Universidade Técnica, transformada em Universidade plena depois das mudanças políticas e da reunificação da Alemanha, voltou a tem um Instituto Românico, continuando assim uma tradição romanística interrompida durante quase sessenta anos.

NOTA DA REDAÇÃO

O Prof. Dr. Eberhard Gärtner é lídimo cultor dos estudos de língua portuguesa no amplo leque de seu espaço cultural. Já esteve duas vezes ente nós e, da segunda vez, veio especialmente convidado pelo Instituto de Língua Portuguesa, do Liceu Literário Português, a fim de participar, como conferencista, do Simpósio Internacional da Língua Portuguesa em África e no Oriente. O tema que então desenvolveu - “O português de Angola a Moçambique” - foi substanciosa contribuição para o melhor conhecimento dessa variedade africana da língua portuguesa. Do elenco da matéria tratada no 24º Congresso Alemão de Romanistas, realizado em Münster no passado setembro de 1995, pode-se constatar desde logo, ter sido grande o interesse pelos estudos de língua portuguesa, entre os quais o português do Brasil figurou com justo destaque. Quando, infelizmente, certos setores timbram em acentuar, senão mesmo dar como aquisição científica, uma suposta desvinculação do português americano do português europeu e, mais, apontar fraturas numa unidade idiomática que raia pelo obvio, reconforta ver no exterior serem feitas pesquisas com outro espírito e mais consentâneas com a realidade dos fatos.

O Prof. Gärtner é catedrático recentemente concursado da Universidade de Leipzig.

*

VI REUNIÃO INTERNACIONAL DE CAMONISTAS

José Augusto Cardoso Bernardo
Coimbra - Portugal

Promovida pelo Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos em colaboração com o Instituto de Língua e Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras de Coimbra, decorreu de 16 a 19 de abril de 1996, nas instalações desta mesma Faculdade, a VI Reunião Internacional de Camonistas. O Congresso, que retomou uma linha de reflexão crítica iniciada em Lisboa (1972) e continuada depois em Niterói (1973), Coimbra (1980), Ponta Delgada (1983) e São Paulo (1987), contou desta vez com a presença de 287 participantes de 10 nacionalidades, em representação de 22 Universidades e de um conjunto muito numeroso de outras instituições de ensino superior e do ensino básico e secundário.

Foram 49 as comunicações apresentadas, repartidas pelas cinco linhas de reflexão sugeridas aos congressistas: crítica textual, intertextualidade e interdiscursividade, sentido e forma, problemas de recepção e didática. E, embora a acentuada desproporção verificada entre algumas destas linhas acabasse por contrariar a intenção inicial dos organizadores, o fator mais saliente a este propósito foi, sem dúvida, o desequilíbrio entre o número de trabalhos dedicado a cada um dos diferentes modos discursivos por que se reparte a produção camonianiana. Com efeito, embora se tivesse mantido a já tradicional repartição entre a Lírica e a Épica (com o Teatro a ser praticamente esquecido), a verdade é que as comunicações que versaram aspectos do lirismo avultaram, desta vez, numa percentagem nunca antes verificada em reuniões deste gênero.

É certo que a própria circunstância das comemorações do 4º centenário da publicação das *Rhytmas* pode não ser alheia a esta focagem privilegiada; mas também é verdade que a quantidade e a qualidade dos estudos aparecidos nos últimos quinze anos vinham já apontando para a concepção da Lírica como o repositório privilegiado da modernidade camonianiana.

A fortuna da recepção dos textos líricos de Camões, que se tem vindo a acentuar nos últimos anos, não se traduz apenas na exegese direta desses mesmos textos, estendendo-se ao próprio *corpus* épico, que através do que poderíamos designar por paradigma de leitura lírica d' *Os Lusíadas* quer através de uma hermenêutica conjugada e transversal da Épica e da Lírica, em busca das marcas de um idioleto poético tido por inconsútil.

De resto, a avaliar pelo teor das comunicações que neste Congresso versaram sobre a Épica camoniana, parece confirmar-se desde logo a tendência para superação das análises seccionadas e rarefeitas d'*Os Lusíadas* (de tão ampla circulação nos meios escolares) e para a sua substituição por leituras integrativas do poema concebido como um todo composto mas orgânico.

1. Assim, Hélder de Macedo retomou uma linha interpretativa que vem desenvolvendo desde os anos 80, colocando a tônica na autoreferencialidade do poema. A idéia conjugada de que Camões é o autor do Gama viajante e narrador, de que *Os Lusíadas* consagram a própria aventura da escrita e de que as “puras verdades” dimanam da própria poesia mais do que do domínio da estrita fatalidade, configura um paradigma de leitura “esteticista”, submetendo a história ao mito, que a refunde, servindo-lhe ao mesmo tempo como estratégia de idealização e de rasura.

Num registo não muito afastado desta linha podem entender-se as comunicações de Maria Helena da Rocha Pereira e Luís de Sousa Rebelo: a primeira sublinhando a novidade camoniana colhida na inspiração das Tágides e na superação das “musas antigas” e das “musas estranhas” e a segunda acentuando o carácter “eutópico”(e não apenas “utópico”) da Ilha dos amores, no que o termo encerra de virtualidades regeneradoras que se adequam ao tempo de Camões e que, segundo Sousa Rebelo, não se ajustam menos ao nosso.

Aníbal Pinto de Castro, por sua vez, situou a épica camoniana entre os limites da verdade e da verossimilhança, mostrando que, embora partindo de matéria recolhida em fontes historiográficas, o autor segue a lição de Aristóteles, servindo-se de vários expedientes de transformação poética, que vão desde o lirismo e do drama até à mitologia, concebida ao mesmo tempo como via de expressão confessional e como porta aberta para o plano do maravilhosos.

Sobre a tensão entre a verdade e o mito haveria também de incidir a comunicação de Luís Oliveira e Silva que, na seqüência dos trabalhos anteriores centrou a sua análise nos pressupostos axiológicos que estruturam o poema, defendendo a tese de que as posições essencialmente conservadoras em que o narrador se apoia não o colocam ao abrigo de algumas contradições que abrangem aspectos controversos do poema como a questão do herói sinóptico, e valores como a Fama, a Glória e a Dignidade. Em torno dos códigos poéticos presentes n'*Os Lusíadas* situam-se ainda as comunicações de Olga Ovtchavenko (a tradutora russa d'*Os Lusíadas*) e Hélio Alves, com a primeira a sublinhar o registo realista de alguns passos do poema e o segundo a integrá-los num devir que os vai afastando da luz e da mesura renascentistas e os encaminha para a obscura complexidade do Barroco.

Ocupando-se ainda expressamente d'*Os Lusíadas*, Almeida Pavão assinalou a presença explícita do poeta no seu próprio texto e o amplo leque de tonalidades líricas e de intervenções críticas que daí resultam, considerando que a figura do epifonema contribui para uma maior humanização do poema, compensando mesmo o convencionalismo formal de alguns aspectos da epopéia.

Por fim, e já no rasto de uma poética camoniana de incidência global, Telmo Verdelho destacou a importância da figura da Musa enquanto tópico metaliterário que funciona, no que respeita à lírica e à épica, como base motivadora de todo o processo de interlocução discursiva, feita muitas vezes mais de pulsão confessional do que de simples labor de arte e de engenho.

2. Pese embora à importância e à novidade de algumas comunicações centradas na epopéia camoniana, o aspecto que mais haveria de merecer a atenção expressa dos congressistas seria, porém, o Sentido e a Forma do Lirismo camoniano.

Apesar de referir ainda alguns exemplos da Épica, Maria Vitalina Leal de Matos deteve-se sobretudo na Lírica, sublinhando a identificação entre o desconcerto e a negação da Razão como via para o conhecimento, lembrando, na seqüência de uma linha de leitura que lhe é muito cara, que o único conhecimento possível para o sujeito poético é o conhecimento interior. Como vias de superação da carência cognitiva, foram analisadas duas vias: a mitologia, que em Camões supera a pura função de ornato para revestir uma dimensão marcadamente axiológica, e a dialética da ascese, que há de conduzir à luz da Jerusalém Celeste, antevista no final das redondilhas de “Sôbolos rios que vão”.

José Carlos Seabra Pereira, Rita Marnoto e Maria Tereza do Nascimento situaram-se também no mesmo registo de análise: o primeiro salientando a cisão interior (de ascendência agustiniana e petrarquista) como causa das muitas tensões que atravessam tragicamente o lirismo de Camões, a segunda acentuando a dimensão interrogativa da lírica camoniana e o convívio difícil que nela se opera entre a necessidade do canto e a sua impossibilidade plena; por fim, a terceira, rastreou as coordenadas do tempo e do espaço, para confirmar a natureza decisiva da distância e da memória como via precária de compensação.

Da importância da memória falaram ainda Silvano Peloso, Maria do Céu Fraga e Xosé Manuel Dasilva: o primeiro, atendo-se ao circuito operado entre as palavras e as imagens, insistiu no recurso do poeta a uma complexa série de expedientes mnemotécnicos de caráter temático e estilístico; a segunda provou o reinvestimento e a potenciação idioletal das fórmulas que caracterizam a chamada “poesia de catálogo” e de “definição”; o último, por sua vez, procedeu a uma leitura de três sonetos de Camões (por si considerados como “sonetos-prólogo”) à luz da teoria petrarquista da poesia como *imitatio vitae*, destrinchando os vários planos em que devem situar-se as situações evocadas e os nexos autobiográficos por elas suscitados.

A comprovar a primazia do estudo do lirismo está, por fim, a circunstância de lhe terem sido dedicadas as lições de abertura e de encerramento do Congresso, a cargo respectivamente de Vítor Manuel Aguiar e Silva e Eduardo Lourenço. Assim, enquanto o primeiro procedeu a uma interpretação das elegias de Camões como expressão de “uma das mais pungentes e conturbadas confissões da lírica camoniana” e

como “o lugar privilegiado do confronto do poeta com os fantasmas nodais do Amor e da Morte”, o segundo, partindo da revolução operada por Petrarca na sensibilidade amorosa do Ocidente, desenvolveu uma interpretação da ontologia e da fenomenologia do amor camoniano, destacando marcas específicas quer em relação à mulher amada (recorrentemente metaforizada na figura da ninfa furtiva e não na figura de uma musa concreta, como sucedia em Petrarca ou em Garcilaso), quer em relação à representação da Natureza a ao valor órfico e substitutivo do próprio canto poético.

3. No domínio das relações intertextuais e interdiscursivas e para além das sugestivas aproximações entre a poesia e a pintura enviadas por Sylvie Deswartes-Rosa e da interessantíssima aproximação estabelecida por Sebastião Pinho entre a descrição camoniana da Europa e algumas representações alegórico-cartográficas que precedem a 1ª edição d’*Os Lusíadas*, o Congresso contou com contributos variados: no domínio da Lírica, Carlos André procedeu a novos desenvolvimentos de um trabalho que já vinha realizando, comparando as redondilhas de “Sôbolos rios que vão” com outras paráfrases do salmo 136 levadas a cabo por humanistas em português e em latim; Nair de Nazaré Castro Soares aproximou a intencionalidade cívico-pedagógica d’*Os Lusíadas do De regis institutione et disciplina*, de D. Jerônimo Osório, Thomas Earl sublinhou diferenças significativas de forma e de conteúdo entre as poesias de Camões e de Ferreira dedicadas ao Vice-Rei D. Constantino de Bragança; José Vitorino de Pina Martins estabeleceu aproximações plausíveis entre o pensamento de Sá de Miranda e o episódio do Velho do Restelo, defendendo a presença (explícita ou implícita) do modelo ético e cívico do poeta da Tapada na descrição e nas falas do velho de “aspeito venerando”.

Por fim, Vasco Graça Moura, para explicar a lenta constituição da matéria épica d’*Os Lusíadas*, invocou uma dinâmica hipotextual compósita que se estende de tradição encomiástica dos humanistas de meados do século XV, às fontes historiográficas e cosmográficas e aos preceptistas de pendor virgiliano, salientando o peculiar compromisso que daí resulta entre a teoria e a prática poética, entre o plano cívico e o plano da arte.

4. A recepção da obra camoniana, quer pela via da tradução quer pela via da valorização quer ainda e sobretudo através da criação poética, mereceu também a atenção de vários congressistas: Harold Livermore trouxe-nos um exame criterioso de algumas versões inglesas da Lírica, Nicolas Extremera Tapia confirmou-nos a extraordinária vitalidade do estro camoniano nos épicos espanhóis do Siglo de Oro, Antônio Cirurgião apresentou-nos D. Francisco de Portugal, um dos muitos emuladores de Camões no século XVII. George Monteiro apontou sinais seguros da recepção de Camões em Edgar Allan Poe e Maria Isabel Morán Cabanas proporcionou-nos um interessantíssimo trabalho de aproximação entre os *Os Lusíadas* e *Os Calaios*, poema galego de finais de 800 e Silvio Castro analisou projeções e interversões camonianas na obra de Carlos Drummond de Andrade. Da área da Germanística vieram os contributos de Catarina Isabel Martins, Maria Cristina Carrington da Costa e Julia Machado Garraio que nos facultaram provas elucidativas da presença de alguns biografemas camonianos na ficção alemã pós-romântica e, já

numa linha da recepção crítica, Hugo Laitenberger apresentou um documentado trabalho acerca da sobrevivência da tradição alemã (Schlegel, Bouterwek, Storck e D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos) no camonismo português dos nossos dias.

Finalmente e no domínio da criação portuguesa, pudemos apreciar o belíssimo retrato de congenialidade entre Camões e Garrett traçado por Cleonice Berardinelli, a relação de complexo agonismo entre Os *Lusíadas* e a *Mensagem*, estabelecida por Antônio Apolinário Lourenço e a utilização da lenda biográfica de Camões forjada pelo Visconde de Juromenha e por Aquilino Ribeiro na peça de José Saramago *Que farei com este livro?*

5. Insuficientemente desenvolvida foi, sem dúvida, a área que diz respeito aos trabalhos de fixação crítica, na qual permanecem em aberto questões decisivas, sobretudo no que respeita à Lírica e ao Teatro. E foi justamente nestes dois domínios que se centraram as comunicações de Maria Micaela Ramón Moreira e José Silva Terra: a primeira fornecendo pistas para o estabelecimento crítico das canções camonianas e o segundo lançando as bases para uma muito necessária edição crítica do *Auto de Filodemo*.

A área da Lingüística (escassamente contemplada em si mesma) acabaria porém por contemplar o filão da crítica textual. E se a comunicação enviada por Leodegário de Azevedo Filho versou um aspecto pontual da acentuação fonética e fonológica, explicitando critérios que sustentam a sua edição da Lírica, Evanildo Bechara reportou-se, de forma mais abrangente, ao “usus scribendi” e “dicendi” de Camões, recorrendo a abundantes exemplos da tradição manuscrita e impressa, comprovando entre outras coisas a existência da dupla grafia.

6. Não foram ainda muito numerosas as comunicações que incidiram expressamente sobre as coordenadas contextuais da criação camoniana. A esse respeito contamos com o contributo de Virgínia de Carvalho Nunes que submeteu os “Disparates da Índia” a uma análise de caráter contextual (e intertextual) e com as reflexões camonianas de Américo Costa Ramalho que esclareceu de forma convincente alguns equívocos acerca da ligação de Camões à casa dos Noronhas, da tença de Camões, cujo valor relativo ponderou à luz de elementos novos, da efetiva existência de tentativas de canto épico por parte dos humanistas ou da circunstância provável de a Ilha dos Amores, apesar do seu caráter indesmentivelmente alegórico, poder reportar-se a um modo real: a Ilha de Santa Helena.

7. Conscientes da especificidade de que se revestem os problemas da didática do texto camoniano e da necessidade de a esse respeito se reforçar a cooperação entre a docência e a investigação universitária, por um lado, e as práticas pedagógicas a nível dos ensinos básico e secundário, por outro, a Comissão Organizadora da VI Reunião Internacional de Camonistas decidiu promover uma mesa redonda sobre o tema, que contou com a participação de Amélia Pinto Pais e Maria do Carmo Vilaça de Sequeira, que analisaram criticamente a organização dos objetivos, dos conteúdos e das estratégias de aprendizagem reportadas à Épica, com várias propostas de

ajustamento, e de Maria Isabel Antunes Vaz, que centrou a sua intervenção nas potencialidades encantatórias da Lírica, apontando algumas sugestões para o reforço da motivação dos alunos e dos professores.

8. Ao referir-se a Camões como mito português, Luciana Stegagno-Picchio sublinha a presença excepcional da figura do vate (considerado na lenda compósita da sua vida e da sua obra) desde o Barroco até os nossos dias, em planos que vão desde a cultura das elites até à cultura popular. No final da sua comunicação e invocando o seu estatuto de estrangeira, perguntou (pareceu-nos que com algum cepticismo) até que ponto poderá Camões sobreviver como mito projetivo e identitário de uma nação que se rendeu já à sedução demissionária desse outro mito biográfico-literário que é Fernando Pessoa, o “homem sem qualidades”, com pena mas sem espada, com pátrias espirituais mas sem aquela pátria de terra e de mar, que é literal sem deixar de ser simbólica.

A questão, embora perturbante, tem razão de ser. Mas é dessa mesma razão de ser que devem surgir as forças para evitar que Camões como realidade e como mito se cristalice ou entre em processo de dissipação. E é no contexto do chamamento a essas reservas de energia que se inscreve o apelo dramático que nos trouxe Maria Helena Ribeiro da Cunha, fundadora e diretora da *Revista Camoniana*. Afinal, foi dela também e do Brasil que nos vieram notícias de um novo projeto camoniano (a preparação de um glossário da lírica camoniana). É nesse e noutros projetos - e são tantos os que falta levar a cabo que deve estar a nossa fé. Fé em Camões, no que ele representa hoje e no que ele há de sempre representar para a Língua e a Cultura de matriz portuguesa, verdadeiramente impensável sem a sua presença tutelar e congregadora.

*

PROPOSTAS E RECOMENDAÇÕES FINAIS

Para além do tempo de discussão que se seguiu invariavelmente a cada sessão plenária e a cada série de comunicações livres, houve ainda lugar, durante a sessão de encerramento, à formulação de três propostas que mereceram a aprovação dos congressistas.

Amélia Pinto Pais assinou uma proposta de recomendação no sentido de que os *curricula* da Faculdade de Letras e de Humanidades passem a integrar uma cadeira de *Estudos Camonianos*, de frequência obrigatória para todos os estudantes dos Cursos de línguas e Literaturas Clássicas e Modernas que incluam a variante em Português.

Luciana Stegagno-Picchio e Silvano Peloso, da Universidade de Roma “La Sapienza”, manifestaram a intenção de propor a criação de um “Centro de Estudos Camonianos” aberto às outras Universidades italianas, a funcionar na dependência do “Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos” sediado em Coimbra.

Por fim, foi lida e aclamada uma proposta subscrita por Maria Helena da Rocha Pereira, Aníbal de Castro, José da Silva Terra e muitos outros professores de várias Universidades, manifestando apreço ao corpo redactorial da *Revista Camoniana* na pessoa da sua actual Directora (Maria Helena Ribeiro Cunha) e recomendando que se desenvolvam todos os esforços junto de entidades públicas e privadas para que lhe sejam concedidos os meios necessários à continuação do seu esforço em prol dos Estudos Camonianos.

(Texto elaborado e lido na sessão de encerramento por José Augusto Cardoso Bernardes, secretário da Comissão Organizadora)

Coimbra, 19 de abril de 1996.
